

Balço crítico da Sociolinguística Variacionista no estado de São Paulo e a proposição de uma frente programática de investigação

(A critical balance of variationist sociolinguistic in São Paulo state and a proposition of a research program)

Sebastião Carlos Leite Gonçalves¹

¹Universidade Estadual Paulista (UNESP) – São José do Rio Preto
Conselho Nacional de Desenvolvimento em Pesquisa (CNPq)

scarlos@ibilce.unesp.br

Abstract: In this paper, I present a critical balance of variationist Sociolinguistics in the state of São Paulo I comment briefly the information about scientific production of this research area in the state of São Paulo and I show that its recent development in the state does not allows yet the composition of a sociolinguistic picture of the Portuguese spoken in the state of São Paulo. I present results of variationist researches undertaken with speech samples from the countryside. The analysis is based on features of “caipira” speech described by Amaral ([1920] 1976) at the beginning of the twentieth century. Then, I propose recognizing a programmatic front of research as available in Amaral (1976 [1920]), whereby it is possible to advance the knowledge of spoken language not only related to varieties of São Paulo, but also related to Brazilian Portuguese.

Keywords: variationist Sociolinguistics; “caipira” dialect; Brazilian Portuguese.

Resumo: Neste trabalho, tenho por objetivo promover um balanço crítico da pesquisa sociolinguística no estado de São Paulo. Para tanto, reúno informações sobre a produção científica nessa área e mostro que seu desenvolvimento recente no estado de São Paulo ainda não permite compor uma fotografia sociolinguística das variedades paulistas do português brasileiro. Tomando por base aspectos da fala caipira descritos por Amadeu Amaral no início do século XX, apresento resultados de pesquisas variacionistas empreendidas com amostras de fala do interior paulista e proponho o reconhecimento de uma frente programática de pesquisa tal como disponível em Amaral (1976 [1920]), como meio para fazer avançar o conhecimento linguístico não só das variedades paulistas, mas do português brasileiro de um modo geral.

Palavras-chave: sociolinguística variacionista; dialeto caipira; português brasileiro.

Introdução

Como balanço crítico, a ser apresentado neste artigo, me atendo aos desenvolvimentos da pesquisa sociolinguística no estado de São Paulo, mais especificamente da Sociolinguística variacionista, e proponho uma frente programática de pesquisa sob essa abordagem, tomando por base aspectos da fala caipira, descritos por Amadeu Amaral no início do século XX, em seu *O dialeto caipira* (1920).

Para a consecução desse objetivo, divido este artigo em duas partes principais: na primeira, apresento, de forma crítica, a inserção da Sociolinguística variacionista no cenário nacional da pesquisa linguística, para, na segunda, fazer uma exposição dos aspectos do dialeto caipira, tal como descritos por Amaral (1976 [1920]), alguns dos quais, possíveis

de serem identificados, ainda hoje, na fala paulista, como tentarei exemplificar, recorrendo a alguns resultados de pesquisas variacionistas empreendidas com amostras de fala do interior paulista. Tomando por base a exposição feita nas duas seções anteriores, a conclusão aponta para a necessidade da proposição de uma frente programática de pesquisas de cunho variacionista, a qual pode assumir os fenômenos descritos por Amaral, como forma de verificar, na sincronia atual do português paulista, remanescentes de um dialeto caipira de quase um século atrás.

A sociolinguística paulista no cenário nacional

Considerando os quase 40 anos de pesquisa Sociolinguística no Brasil, pode se considerar que os estudos variacionistas sobre as variedades paulistas ainda se encontram na infância e, portanto, em dívida com a composição de um retrato sociolinguístico do Português Brasileiro (PB), no que toca ao oferecimento de um espectro mais amplo da fala paulista. Em outras palavras, comparados aos trabalhos de cunho variacionista envolvendo outras variedades do PB (cito aqui as variedades cariocas, catarinenses, paranaenses, gaúchas, mineiras, pessoenses, dentre outras), podem-se considerar escassos trabalhos nessa mesma linha envolvendo a fala paulista, seja a da capital, seja a do interior.

Sem levar em conta os estudos descritivos desenvolvidos no âmbito do Projeto Gramática do Português Falado Culto (PGPF), que consideram, entre outras variedades, a paulistana, mas que têm como foco a norma urbana culta (CASTILHO, 1990), são ainda poucos os exemplos de trabalhos de descrição que consideram as variedades faladas no estado de São Paulo. Além d'*O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, que assume uma perspectiva “sociolinguística, ao associar traços gerais do dialeto caipira do início do século XX a fatores de ordem social (embora o autor não o faça de forma sistematizada, apenas guiado por sua observação participante em cidades do interior do estado de SP), destaquem-se os trabalhos variacionistas de Ângela Rodrigues (1987), sobre concordância verbal na fala de moradores da periferia da capital paulista, e o de Duarte (1986), sobre a realização de objeto direto anafórico na fala de paulistanos nativos e na linguagem da televisão. De cunho mais etnográfico, adentrando o interior paulista, citem-se os trabalhos de Ada Rodrigues (1974), sobre o dialeto caipira de Piracicaba, e o de Mary Careno (1997), sobre a fala de comunidades negras do Vale do Ribeira.

De modo geral, com raríssimas exceções, os trabalhos de descrição do PB divulgados pelos grupos de pesquisa que assumiram para si a tarefa de descrição da língua no seu contexto social não ofereceram ainda uma visão ampla e realística do PB. A preocupação com variáveis diatópica ou diastrática define a amostra usada como referência para o trabalho descritivo, descartando-se, assim, uma gama de dialetos/socioletos, à medida que se encontram representados nessas amostras, por exemplo, apenas dialetos/socioletos provindos das grandes metrópoles do país¹ e/ou de estratos sociais pouco representativos da população brasileira. Essas restrições, ainda que pautadas por objetivos cientificamente legítimos, acabam por oferecer uma visão apenas fragmentada do PB.

Na atualidade, exceção a esse modo fragmentado de caracterização do PB vem de

¹ Confira a esse respeito: Silva (1996), para o projeto Censo do dialeto carioca; Castilho (1990), para o Projeto NURC/Brasil; Votre; Oliveira (1995), para o projeto “Gramática & Discurso”, também restrito ao dialeto carioca; Cunha (1998), para o projeto “Gramática e Discurso” do dialeto de Natal, RN; Aragão e Soares (1996), para o projeto “Dialeto Sociais Cearenses”, da cidade de Fortaleza, dentre outros.

duas frentes de pesquisas que propiciam a execução de projetos na área de Sociolinguística. A primeira, representada pelo Projeto de descrição sócio-histórica das vogais do português brasileiro (PROBRAVO), tem por objetivo descrever as realizações fonéticas de vogais nos dialetos de sul a norte do Brasil, contando, para isso, com pesquisadores de 17 universidades brasileiras. O projeto, criado em 2005 e sediado na Universidade Federal de Minas Gerais, é coordenado pelos Profs. S. Lee e M.A. Oliveira e, de modo articulado, vem procurando responder às seguintes questões: (i) como são realizadas foneticamente as vogais no PB? (ii) como se explica ou o que motiva a diversidade de realizações fonéticas? (iii) como os falantes do PB se entendem, apesar das diversidades da qualidade vocálica? (iv) é possível explicar essa diversidade gramaticalmente? Diante dessas questões, trabalhos variacionistas envolvendo o dialeto paulista vem se consolidando no estado de São Paulo, sob a coordenação da Profa. L. E. Tenani, da UNESP de São José do Rio Preto, a exemplo da descrição de outros dialetos que têm lugar no interior do projeto, a saber: dialetos mineiros, dialetos do Sul, dialeto da Paraíba, dialeto matogrossense, dialeto do Pará, dialeto de Rondônia, dialeto capixaba, dialeto baiano e dialeto carioca.² Especificamente sobre o dialeto paulista, comentarei, adiante, resultados de estudos sobre vogais na fala do interior de São Paulo.

A segunda frente articulada de trabalhos em Sociolinguística diz respeito aos estudos dialetológicos, que, a partir de meados dos anos de 1990, assumiram para si a composição do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), pautado por um programa de investigação nacional, com rigoroso estatuto metodológico, que, hoje, alcança “outros níveis linguísticos de descrição, com relação às variações. Isso significa sair dos aspectos fonéticos e lexicais para atingir o morfossintático, observados o contexto e a situação” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2003, p. 52). Registre-se a esse respeito que o objetivo primeiro do Projeto ALiB é a constituição de um “vasto *corpus*, que vai do Oiapoque ao Chuí” e que “possibilitará uma visão global do português brasileiro” (CARDOSO, 2005, p. 10; grifos acrescidos).³ Nem mesmo na integração à frente programática do Projeto ALiB, o Atlas Linguístico do Estado de SP andou no mesmo passo da feitura de outros Atlas regionais, alguns já concluídos (Minas Gerais, Paraná, Bahia, por exemplo), carente que se encontra o Estado de SP de pesquisas na área de Sociolinguística e Dialectologia.⁴

Só mais recentemente, com a instituição do projeto temático interinstitucional “Para a história do português paulista” (PHPP), também conhecido como “Projeto Caipira”, proposto pelo Prof. Ataliba Teixeira de Castilho (da USP e UNICAMP) e, atualmente, sob a coordenação da Profa. Clélia Jubran (da UNESP de São José do Rio Preto), confere-se um lugar de destaque à investigação da variedade paulista do PB. Integrando o Projeto “Para História do Português Brasileiro” (PHPB), o objetivo maior do projeto “Caipira” é o de “investigar emparelhadamente a formação da sociedade paulista e de suas varie-

2 Informações extraídas do *site* do projeto (disponível em <<http://relin.lettras.ufmg.br/probravo>>. Acesso em: fev. 2012).

3 As orientações metodológicas de constituição do ALiB são as mesmas para a elaboração dos Atlas Linguísticos estaduais, a partir dos quais ele se constitui (cf. AGUILERA, 2005).

4 A regional “Paraná” do Projeto ALiB, coordenada pela Profa. Dra. Vanderci Aguilera (Universidade Estadual de Londrina), é a responsável pela constituição do *corpus* do Estado de São Paulo, dentre outros, tarefa para a qual conta, a partir de 2002, com o auxílio da Profa. Dra. Vanderci Santana de Castro (Universidade Estadual de Campinas), diretora regional das atividades do ALiB no Estado de São Paulo (cf. informações disponíveis no *site* do Projeto ALiB, disponível em: <<http://www.ici.ufba.br/wiki/bin/view/Alib/Equipe-Parana>>. Acesso em: jul.2010).

dades linguísticas, tais como testemunhadas no Estado de São Paulo e em sua capital” (CASTILHO, 2009, p. 15). Diante desse objetivo maior do Projeto Caipira, que se volta para os mais variados aspectos da formação do português paulista, é possível que, futuramente, ele venha a se beneficiar dos resultados de pesquisas sociolinguísticas que vêm se consolidando no interior de projetos em desenvolvimento nas universidades públicas paulistas, carentes ainda de uma articulação em um programa sistematizado de pesquisas sociolinguísticas sobre a fala paulista, como mostram as informações contidas no quadro 1, a seguir.

Quadro 1: Panorama da Sociolinguística no Estado de SP: estudos de variedades paulistas faladas⁵

Local	Grupo/Projeto	Responsável	Variedades Paulistas	Foco das pesquisas	Produção na área (PG)*
Araraquara/UNESP	Grupo de Estudos em Linguística Histórica	R.A. Berlinck O.G.A. Campos	Região Central do estado de SP (Araraquara, São Carlos e Itirapina). Coletas individuais.	Variação e mudança: morfologia e sintaxe. Tempo real e tempo aparente.	03 ME concluídos e 01 DO em andamento. ⁶
Campinas/Unicamp	Projeto “Estilos na cultura popular urbana paulista”	A.C. Bentes	Grupos de <i>rappers</i> da cidade de São Paulo. Banco de dados coletivo em fase de construção.	Variação estilística (léxico e texto). Comunidade de prática.	02 ME e 01 DO concluídos e 01 ME em andamento. ⁷
São Paulo/USP	Grupo de Pesquisa Sociolinguística	R.B. Mendes	Cidade de São Paulo. Banco de dados coletivo em fase de construção.	Variação e mudança. Variação estilística. Identidade de grupo. Tempo aparente.	03 ME concluídos e 01 ME e 01 DO em andamento. ⁸
	Português popular de São Paulo	A.C.S. Rodrigues	Português popular da cidade de São Paulo e da baixada Santista. Coletas individuais.	Variação e mudança. Tempo real e aparente.	02 ME e 01 DO concluídos. ⁹
S.J.Rio Preto/Unesp	Projeto: Amostra Linguística do interior paulista (ALIP)	S.C.L. Gonçalves R.G. Camacho L.E. Tenani	Região Noroeste do estado de SP. Banco de dados coletivo: 151 amostras estratificadas socialmente e 11 amostras de interação. Disponível em: < http://www.iboruna.ibilce.unesp.br >	Variação e mudança. Tempo real e tempo aparente. Comunidade de prática (identidade de grupos).	10 ME e 01 DO concluídos e 01 ME e 05 DO em andamento. ¹⁰
* PG: Pós-graduação; ME: mestrado; DO: Doutorado					

5 Constituiu fonte para extração das informações contidas neste quadro o *currículo Lattes* dos pesquisadores referenciados na coluna 2, disponíveis em: <<http://www.cnpq.br/lattes>>. Acesso em: fev.2012.

6 Monte (2007), Gameiro (2005), Oliveira (2010) e Monte (2011). Quatro outros trabalhos variacionistas concluídos consideram a variedade paulista em perspectiva diacrônica: Silva (2007), Balsalobre (2009) e Biazolli (2010).

7 Granato (2011), Nogueira (2010), Rio (2010) e Domingues (2009).

8 Coelho (2006), Oushiro (2011b), Nascimento (2011), Rocha (2010) e Oushiro (2011a).

9 Pereira (2004), Modesto (2006) e Pereira (2007).

10 Guiotti (2002), Santos (2005), Rubio (2008), Silveira (2008), Carmo (2009a), Ramos (2009), Fonseca (2010), Ferreira (2010), Salomão (2010), Fiamengui (2011), Rubio (2012), Marcato (2011), Wiedemer (2009), Fonseca (2011), Fortilli (2009), Carmo (2009b) e Salomão (2011).

Como se pode observar no quadro 1, por terem andado a passos lentos, as pesquisas sociolinguísticas sobre a variedade paulista falada só muito recentemente vêm se avolumando no estado de São Paulo. Nessa frente, desenvolvem-se projetos coletivos e/ou individuais, que se concentram em quatro pontos no estado. As informações do quadro permitem constatar, de modo geral, que o avanço de pesquisas sociolinguísticas só se torna possível mediante a composição de um banco de dados eletrônico compartilhado, uma das principais razões de, no estado de São Paulo, a maior produção na área estar concentrada na UNESP de São José do Rio Preto. O que pretendo destacar nesse balanço é o quanto, de fato, já foi dado a conhecer de variedades do PB falado no estado de São Paulo, na medida em que o que se tem oferecido atualmente de descrição para essas variedades ainda não nos permite compor uma fotografia sociolinguística do estado, o que, portanto, permite avaliar como tímida a inserção de estudos variacionistas das variedades paulistas do PB na Sociolinguística brasileira.

É com essa preocupação que, na próxima seção deste artigo, apresento apenas o esboço de um retrato sociolinguístico do PB paulista, recorrendo a resultados de pesquisa desenvolvidas no âmbito do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista). Para tanto, como aspectos sócio-históricos da formação do português paulista, recorro a alguns traços linguísticos da fala paulista, registrados, no início do século XX, por Amadeu Amaral, e que, presentes na fala do interior paulista, recebem hoje um tratamento variacionista.

Remanescentes do dialeto caipira na fala do interior paulista: uma frente programática de pesquisa sociolinguística

O dialeto caipira é uma variedade do Português Brasileiro, que compreende uma modalidade culta, praticada nos primeiros tempos pelos poucos habitantes alfabetizados, padres em sua maioria, e uma modalidade popular, também conhecida como “língua geral brasileira”, continuadora do português não padrão herdado dos portugueses. É a língua geral do Brasil caipira (MATTOS E SILVA, 2004, p. 78). A documentação colonial usa essa expressão em contextos como “falar a língua geral”, “usar a língua geral”, “saber a língua geral”, referindo-se a um “português simplificado, com interferências das línguas indígenas e também das línguas africanas” (MATTOS E SILVA, 2004, p. 79; 95). Essa língua, uma mistura entre o tupi e vocábulos das línguas portuguesa e espanhola, disseminou-se, sobretudo, no interior do Brasil, onde a repressão linguística era mais fraca, por falta de fiscalização.

Um dos trabalhos pioneiros que deu visibilidade à fala caipira data de 1920. Trata-se da obra *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral (1976 [1920]), um extenso inventário de características do português falado em São Paulo no início do século XX, divergentes em termos fonéticos, lexicais, morfológicos e sintáticos, tanto do português europeu quanto do português culto falado na antiga província trinta anos antes. Como comprovam os trabalhos de Rodrigues (1974) e de Careno (1997), continua válida ainda hoje a sábia observação de Amadeu Amaral de que certos remanescentes do caipirismo mais antigo ainda flutuam na linguagem de todo o estado de São Paulo, em luta com tantas outras tendências criadas por novas condições.

Embora os estereótipos do caipira e do falar caipira estejam hoje mais associados ao interior dos estados, o que se encontra de fato na área urbana da região noroeste de São

Paulo, delimitada por São José do Rio Preto e cidades circunvizinhas, parece estar cada vez mais distante do que existe no imaginário popular. Os estudos já realizados no interior do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista) têm possibilitado a descrição do português falado no interior de São Paulo e, no contraste dialetal, revelado que certas características do “caipirês” já não são identificadas como marcas exclusivas da região. No ambiente urbano, além do famoso [r]-retroflexo – forte traço do “caipirês” do interior paulista (GUIOTI, 2002) –, algumas características observadas por Amadeu Amaral ainda persistem. Essa conclusão, ainda que parcial, é resultado de inúmeras pesquisas que vêm sendo desenvolvidas com base no banco de dados Iboruna (“Rio Preto”, em tupi guarani), que reúne amostras de fala de 151 informantes do noroeste paulista (São José do Rio Preto, sede do projeto, e mais seis cidades que lhe fazem fronteira: Bady Bassitt, Mirassol, Guapiaçu, Cedral, Ipiguá e Onda Verde).

Passo, neste momento, à exposição de alguns resultados que, ao mesmo tempo em que procuram esboçar um retrato sociolinguístico do noroeste paulista, revelam reminiscências de traços do dialeto caipira, tais como descritos por Amaral (1976 [1920]).

No **plano fonológico** mais geral, Amaral (1976 [1920], p. 44-45) mostra que a fala caipira é marcada pela presença de vários processos fonológicos envolvendo tanto vogais quanto consoantes, tais como:

- ditongação: *rap[ai]z* (rapaz), *m[ei]s* (mês), *p[éi]s* (pés), *n[ói]s* (nós), *l[úi]z* (luz).
- alçamento e/ou nasalização de [e] e [i] em início de palavra: *[iⁿ]zame* (exame), *[iⁿ]guá* (igual), *[iⁿ]zempro* (exemplo), *[iⁿ]leição* (eleição).
- redução de ditongos em [ai], [ei] e [ou]: *b[a]*, *c[a]xa*, *p[a]xão*, *isqu[e]ro*, *p[e]xe*, *b[e]jo*, *p[o]co*, *t[o]ro*, *r[o]pa*.
- alternância entre [v] e [b]: *[b]assôra*, *[v]iête* (biête), *[b]erruga*, *[b]amo* (vamos).
- rotacismo ou alternância entre [l] e [r] em final de sílaba: *me[r]*, *papé[r]* *a[r]ma* (alma), *qua[r]qué*, *c[r]aro*, *f[r]ô(r)*, *cump[r]éto* (completo).
- redução de [r]-final: *andá*, *muié*, *esquecê*, *subi*, *vapô*, *Artú*.
- redução de [s]-final: *alfére*, *pire*.
- aférese: *parece* (aparece), *magina* (imagina), *rependeu* (arrependeu), *ranca* (arranca), *gibêra* (algiveira).
- apócope: *ligite* (legítimo).
- prótese: *alembra* (lembrar), *avoar* (voar), *arripiti* (repetir).
- epêntese: *Ing-a-laterra* (Inglaterra), *g-a-rampo* (grampo).
- epítese: *paletór* (paletó).
- metátese: *perciso* (preciso), *pertende* (pretende), *purcissão* (procissão), *partelêra* (prateleira), *aquer-ditá* (acreditar).
- hipérese: *agordão* (algodão); *cardaço* (cadarço).

Como nem todos esses processos encontram-se descritos para o português do interior paulista, destaco três deles envolvendo alçamento e redução de fonemas (**o alçamento em contextos de vogais pretônicas mediais, a síncope de vogais postônicas mediais e a redução de gerúndio**), para os quais o Projeto ALIP já reúne resultados sociolinguísticos interessantes na comparação interdialetoal.

Segundo Amaral (1976 [1920]), no dialeto caipira, se verifica a **realização plena de [e] e [o] postônicos finais** (como em *aquel[e]*, *est[e]*, *pov[o]*, *dig[o]*), não ocorrendo alçamento vocálico, como se constata no português europeu, desde o século XVIII, mas

não no português paulista contemporâneo, cujo alçamento vocálico parece constituir regra quase categórica, embora descrições nessa direção precisem ainda ser feitas. Entretanto, Amaral registra a regra de **alçamento em contextos de vogais pretônicas mediais, [e]~[i] e [o]~[u]**, como em *t[i]sôra*, *T[i]odoro*, *p[i]queno*, *p[i]rigo*, *m[i]nino*, *c[u]zinha*, *d[u]mingo*, *ing[u]lir*, *t[u]ssir*, como também se verifica no falar do interior paulista, como mostram os resultados de Silveira (2008), apresentados em destaque na Tabela 1, e comparados aos de outros dialetos do PB.

Tabela 1: Alçamento vocálico de vogais pretônicas mediais de nomes no PB [e, o]~[i] e [o, u] (SILVEIRA, 2008, p. 94)

Dialetos	Alçamento de /e/	Alçamento de /o/
S.J. Rio Preto (SP) (SILVEIRA, 2008)	13%	14%
Porto Alegre (RS) (BISOL, 1981)	22%	33%
Belo Horizonte (MG) (VIEGAS, 1987)	33%	31%
Nova Venécia (ES) (CÉLIA, 2004)	14%	20%
Bragança (PA) (FREITAS, 2001)	14%	26%
João Pessoa (PB) (PEREIRA, 2004)	34%	35%
Salvador (BA) (SILVA, 1991)	20%	25%

O que se observa na comparação interdialetoal é que, de modo geral, o alçamento de vogais médias pretônicas nos nomes é menos frequente na fala do interior paulista, sem distinção significativa entre vogal anterior [e] e posterior [o]. Nesse aspecto, em relação a outros dialetos, pode-se considerar certo distanciamento do dialeto riopretano em relação aos demais considerados. Se, por um lado, no alçamento de [e], o dialeto riopretano se aproxima da fala de Nova Venécia (ES) e da de Bragança (PA), por outro lado, se diferencia delas, consideravelmente, com relação ao alçamento de [o].

Segundo Silveira (2008), atuam na regra de alçamento das vogais médias pretônicas mais fatores estruturais (tais como consoantes adjacentes, contiguidade e tonicidade da vogal seguinte à pretônica) do que fatores sociais, embora a autora só tenha considerado a variável *faixa etária*, para a qual os resultados indicam tratar-se de fenômeno pouco produtivo, de variação estável na comunidade investigada e sem qualquer estigma social.

Na consideração dos contextos de **vogais postônicas mediais**, dois processos fonológicos registrados por Amaral (1976 [1920]) ocorrem na fala do interior paulista: **o alçamento e a síncope de vogais postônicas médias**, como se verifica em *ár:[vo].re* vs. *ár:[vu].re* e em *ár:[vo].re* vs. *ar:[vre]*, respectivamente. Os resultados da regra variável para esses dois fenômenos são apresentados por Ramos (2009), e aqui transcrevo no Quadro 2, a seguir, somente os resultados para os condicionantes sociais e estruturais do apagamento das postônicas mediais em diversas variedades do PB. Como se pode observar nesse quadro,

o processo de **apagamento de postônicas mediais** é pouco produtivo na fala do interior paulista (8%), quando comparado às frequências de aplicação nos demais dialetos, o que pode ser indicativo de um distanciamento da fala do interior paulista da presença marcante desse traço linguístico do dialeto caipira, como registrado por Amaral (1976 [1920]). Além disso, o que se observa na comparação interdialetoal é que variáveis sociais atuam sutilmente sobre o apagamento de postônicas mediais na fala do interior paulista, mas não nos outros dialetos do PB, para os quais se mostra mais relevante a atuação de variáveis estruturais sobre o fenômeno.

Quadro 2: Variáveis relevantes para o apagamento de vogais postônicas mediais no PB (ár[vo]re vs. arvre) (RAMOS, 2009, p. 101)

Variáveis		Dialetos	SJ Norte (RS) AMARAL (2000)	S.J.Rio Preto (SP) RAMOS (2009)	Sapé (PB) SILVA (2006)	Sudeste de GO LIMA (2008)
Linguísticas	Consoante seguinte		1ª. /tepe/	1ª. /lateral, tepe/	1ª. /lateral/	1ª. /tepe/
	Consoante precedente		7ª. /velares/	3ª. /s, z/	4ª. /s, z/	2ª. /velares/
	Traço de articulação da vogal		4ª. /coronal/	2ª. /dorsal/	2ª. /coronal/	3ª. /coronal/
	Estrutura da sílaba Tônica		5ª. /aberta/	Não selecionada	5ª. /fechada/	4ª. /fechada/
	Extensão da palavra		Não selecionada	Não selecionada	3ª. /proparoxítona + de 3 sílabas/	-
Sociais	Sexo		6ª.	-	3ª.	2ª.
	Escolaridade		2ª. /menor nível/	Não selecionada	1ª. /menor nível/	1ª. /menor nível/
	Faixa etária		3ª. /mais velhos/	4ª. /mais velhos/	2ª. /mais velhos/	Não selecionada
Frequência de aplicação			23%	8%	?	26%

Ainda no plano fonético-fonológico, outro traço do português caipira apontado por Amaral (1976 [1920]) e descrito para a variedade paulista é a **redução da sequência [-ndo]~[-no]**, cuja regra variável, na fala do interior paulista, se aplica somente em contextos de gerúndio e é barrada nos demais contextos pontencialmente favoráveis à implementação do processo de redução, como mostrado em (01) (FERREIRA, 2010).

- (01) a. manda[ndo]~manda[no], ve[ndo]~ve[no] (v. *ver*), parti[ndo]~part[ino]
 *b. ma[ndo]~ma[no] (v. mandar.pres.ind), ve[ndo]~ve[no] (v. vender.pres.ind.).
 *c. Arma[ndo]~Arma[no] (nome próprio), qua[ndo]~qua[no], treme[ndo]~treme[no] (adj.), li[ndo]~li[no]

O que se observa pelos exemplos mostrados em (01) é que a regra de redução da sequência [ndo], no dialeto em questão, nunca atinge a raiz lexical do vocábulo, preservando sua estrutura de base (FERREIRA, 2010). Os resultados sociolinguísticos para esse fenômeno são os apresentados na Tabela 2, a seguir, transcritos de Ferreira (2010).

Tabela 2: Percentual de aplicação do apagamento de [d] em morfema de gerúndio em diferentes variedades do PB (FERREIRA, 2010, p. 96)

Cidades	Noroeste Paulista (SP) (FERREIRA, 2010)	Rio de Janeiro (RJ) (MOLLICA, 1989)	Palmeira dos Índios (AL) (SILVA, 2006)	Custódia (PE) (AMARAL, 2008)	João Pessoa (PB) (MARTINS, 2001)
Aplicação	716/999 (72%)	1257/4101 (31%)	11/16 (69%)	326/511 (64%)	2275/3892 (58%)

Esses resultados devem ser interpretados com certo cuidado, tendo em vista que a estratificação social de cada uma das amostras nem sempre é coincidente, principalmente no tocante à faixa etária dos informantes e ao nível de escolaridade. De qualquer modo, pode-se observar que, mesmo desconsiderando os resultados de Silva (2006 apud FERREIRA, 2010), em razão do baixo número de ocorrências, o comportamento dos falantes do interior paulista se aproxima mais do apresentado pelos falantes da variedade nordestina, dada a produtividade da regra de apagamento do gerúndio. Dessa comparação interdialetoal envolvendo variedades geograficamente descontínuas, pode-se inferir que a regra de apagamento de gerúndio é bastante produtiva no PB e constitui traço predominante da fala do interior paulista. Como mostra Ferreira (2010), variáveis sociais atuam fortemente em favor da variante [no] na variedade paulista, como revelam os gráficos a seguir, elaborados em função dos pesos relativos, para as variáveis *faixa etária*, *sexo/gênero* e *escolaridade*.

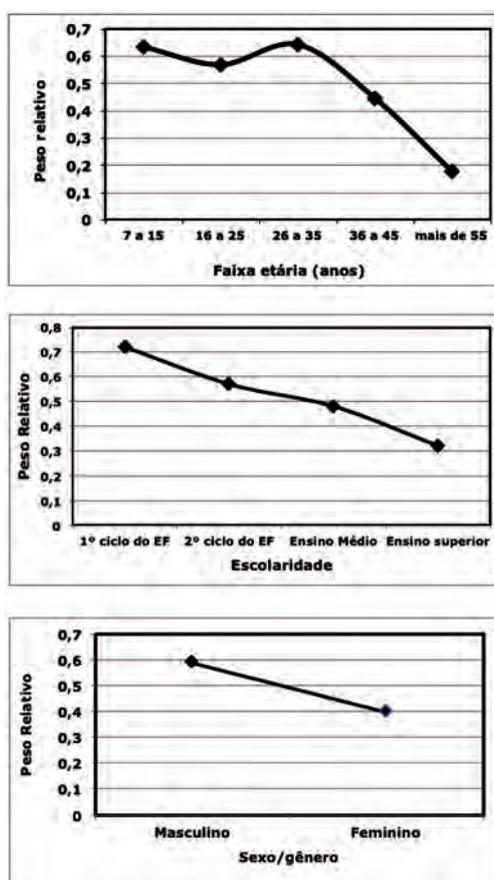


Figura 1: Pesos relativos da redução do gerúndio para as variáveis *faixa etária*, *escolaridade* e *sexo/gênero* (FERREIRA, 2010)

A atuação dos fatores sociais aponta estigma da variante não-padrão na comunidade de fala do interior paulista. Resultados muito semelhantes para essas mesmas variáveis são mostrados pelos autores que investigaram as variedades faladas no nordeste do Brasil (MARTINS, 2001; SILVA, 2006; AMARAL, 2008 apud FERREIRA, 2010). A exceção fica por conta dos falantes do dialeto carioca que, na consideração da variável *idade*, apresentam frequência de redução mais alta entre falantes mais velhos (MOLLICA, 1989 apud FERREIRA, 2010).

No **plano morfossintático**, tomando como exemplificação da reminiscência na fala do interior paulista de alguns traços morfossintáticos identificados por Amaral (1976 [1920]), interessa, nesse passo, mostrar apenas como variáveis linguísticas e sociais atuam no uso variável da primeira pessoa do discurso no plural (1PP). Mostro, assim, resultados gerais para três fenômenos variáveis: (i) codificação de 1PP pelas formas *nós* e *a gente*, (ii) concordância verbal com o pronome *nós* (1PP x 3PS) e (iii) concordância verbal com a forma pronominal *a gente* (1PP x 3PS). Os resultados são os mostrados no Quadro 3, transcritos de Gonçalves e Rubio (2011).

Quadro 3: Atuação dos fatores linguísticos e sociais em fenômenos variáveis relacionados à 1PP do discurso na fala do noroeste paulista

Variável		Fenômeno	Alternância pronominal	Concordância verbal	
			<i>Nós</i> x <i>A gente</i>	<i>Nós</i> + 1PP/3PS	<i>A gente</i> + 1PP/3PS
Linguísticos	Saliência fônica verbal		1°	2°	1°
	Grau de determinação do sujeito		4°	não selecionada	2°
	Tempo e modo verbal		5°	não selecionada	3°
Sociais	Escolaridade		3°	1°	não selecionada
	Faixa etária		2°	3°	4°
	Gênero		6°	4°	não selecionada

Diante desse quadro, a forte influência dos fatores sociais *escolaridade*, *idade* e *gênero* sobre a CV com *nós* leva à conclusão de que determinadas faixas sociais têm maior consciência do fenômeno do que outras. Para a CV com *a gente*, a seleção apenas da variável social *idade* evidencia que o falante é menos consciente do fenômeno, sendo este regulado mais por fatores linguísticos do que por fatores sociais. Em relação à alternância entre as formas pronominais *nós* e *a gente*, evidencia-se a influência simultânea tanto de fatores sociais (*escolaridade*, *idade* e *gênero*) quanto de linguísticos (*saliência fônica*, *grau de determinação do sujeito* e *tempo e modo verbal*).

No **nível sintático**, Amaral (1976 [1920], p. 72-81) registra a presença de vários processos variáveis ocorrentes no dialeto caipira “e também em outras regiões do país”:

- referência genérica marcada pela ausência de artigo: *cavalo tava rinchando / macaco assubiô no pau*.
- Uso de pronome oblíquo em construções com *para* + *infinitivo*: *êle trôxe u” as fruta pra mim cumê(r)*.
- formas pronominais de nominativo em contextos de acusativo (*Peguei ele, enxerguei elas*), com o *lhe* usado exclusivamente para se referir à 2ª pessoa do discurso (*eu já lhe falei* (ao senhor, a você) / *fulano me assegurou que lhe escrevia* (a você, ao senhor)).

- em contextos de orações relativas, diferentes estratégias de relativização, como descreveu Tarallo (1983), a saber: relativa com pronome resumptivo ou relativa copiadora (*A casa **que** eu morei nela*) e *relativa cortadora (a casa **que** eu morei, o livro **que** eu falei)*, todas construídas unicamente com o relativo **que**, seja qual for o constituinte da sentença relativizado: *o cavalo **que** me virum cum êle aquêle dia* (o cavalo com o qual me viram aquele dia) / *a pessoa **que** se falava dela* (a pessoa de quem se falava) / *o home **que** eu comprei as terra dele* (O homem cujas terras comprei).
- extensão de sentido de alguns verbos, para a formação de construções existenciais, temporais e de qualificação: *ter* por *haver* (*tinha muita gente na igreja* / **tem** *home que não gosta de caçada*), *fazer* por *haver*, *já fáiz mais de ano que eu não vos vejo* / *estive na sua casa fáiz quinze dia*, *chamar*, com o sentido de qualificar (*me chamô de rúim* / *me chamava de ladrão*).
- emprego de dupla negação: *nem eu num disse* / *ninguém num viu* / *ninhum num fica* / *não quero não* / *num vou não*.
- emprego da preposição **em** na indicação de *lugar para onde*: *eu fui em casa* / *Ia na cidade* / *joguei a pedra n'água* / *chegou na janela* / *vortô no sítio*.
- ausência de preposição na indicação de tempo: *fui lá u^a segunda feira* (numa segunda-feira) / *dia 5 ele vem* (no dia 5) / *nunca está em casa hora de cumida* (na hora de...).
- emprego de fórmulas especiais para expressão de causa: *por amor de* (e variantes: *pr'amor de* / *pramór de* / *pra mode* / *mor de* / *mó de*) e *por causo de* (por causa de), como em *hei d'i na vila dumingo pramór* / *mor de* / *mó de ver se compro os perciso*.

Nenhum desses fenômenos de nível sintático encontra-se investigado na fala do interior paulista. Entretanto, outros fenômenos variáveis presentes nessa variedade não se encontram registrados em Amadeu Amaral, tais como: variação entre futuro sintético e futuro analítico (FONSECA, 2010), variação nas formas de expressão de aspecto cursivo (FERNANDES, 2010), variação na contração de preposições (MARCATO, 2011) e redução de cópula em orações matrizes predicativas (FORTILLI, 2009).

Encerra a preciosíssima obra de Amadeu Amaral um extenso vocabulário da fala caipira cuidadosamente recolhido de vários cantos do estado por onde esteve o autor ou de onde originavam seus informantes: Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos (DUARTE, 1976).

E para concluir ...

Dominando em absoluto a grande maioria da população paulista, o dialeto caipira, esse vernáculo inconfundível e repleto de “feios vícios de linguagem” espalhados pelos vários níveis da língua, estendeu sua influência à fala da própria minoria culta. A esse respeito, Amaral registra logo na introdução de sua obra:

Quando se tratou, no Senado do Império, de criar os cursos jurídicos no Brasil, tendo-se proposto São Paulo para sede de um deles, houve quem alegasse contra isto o linguajar dos naturais, que inconvenientemente contaminaria os futuros bachareis, oriundos de diferentes circunscrições do país... (AMARAL, (1976 [1920], p. 41)

Além do extenso trabalho de cunho descritivo, Amadeu Amaral previu a extinção, “em prazo mais ou menos breve”, do caipirismo, incluindo a língua e os costumes, com a justificativa de que os grandes avanços no campo da educação, da indústria, do comércio, das vias de comunicação, das relações exteriores, etc. responderiam pelas transformações no meio social e, por consequência, no modo “caipira” de falar, o que dificultaria encontrar representantes genuínos do dialeto, mesmo no interior do Estado. Já não haveria “nada

tão comum como se verem rapazes e crianças cuja linguagem divirja profundamente da dos pais analfabetos” (p. 42). Ainda que esses avanços possam não ter atingido na mesma medida o interior do estado de São Paulo, preservando aí uma diversidade dialetal em relação ao português falado na capital ou nos centros urbanos, não é difícil perceber que muitas das características descritas por Amaral para a fala caipira no início do século passado ainda persistem nos falares das diferentes regiões não só do estado de São Paulo, mas também de todo o Brasil, como procurei mostrar na seção precedente.

Com base nas observações de Amaral (1976 [1920]), uma frente programática de pesquisa poderia fazer avançar ainda mais, e de modo mais articulado, a pesquisa socio-linguística não só no estado de SP, mas também em outras regiões do país, articulação que vem se mostrando produtiva e necessária, como bem têm demonstrado projetos como o ALiB e o PROBRAVO, no âmbito da Sociolinguística e da Dialectologia, e o PHPP e o PHPB, no âmbito da Linguística Histórica.

Projetos pioneiros para o conhecimento da variedade paulista falada, como o de Amadeu Amaral (1976 [1920]), ao qual, passados meio século, seguiram-se o de Rodrigues (1974), o de Careno (1997), e mais recentemente, o de Castilho (2009), revelam a importância de se tomar conhecimento do patrimônio cultural da variedade paulista do PB, e, mais amplamente, da diversidade linguística brasileira, que ainda está longe de ser conhecida na sua totalidade, apesar de tudo que já se produziu.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. A. (Org.) *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005.

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 3. ed. São Paulo: Hucitec-SCET-CEC, 1976. [1920]

ARAGÃO, M. S. S.; SOARES, M. E. (Orgs.) *A linguagem falada em Fortaleza: diálogos entre informantes e documentadores (materiais para estudo)*. Fortaleza: UFC, 1996.

BALSALOBRE, S. *Língua e sociedade nas páginas da Imprensa Negra paulista: um olhar sobre as formas de tratamento*. 2009. 138f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - UNESP, Araraquara.

BIAZOLLI, C. *Clíticos pronominais no português de São Paulo: 1880 a 1920 – uma análise sócio-histórico-linguística*. 2010. 232f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - UNESP, Araraquara.

CARDOSO, S. A. M. O atlas linguísticos do Brasil: de “nascituro” a “adolescente”. In: AGUILERA, V. A. (Org.) *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005. p. 1-12.

CARENO, M. F. *Vale do Ribeira: a voz e a vez das comunidades negras*. São Paulo: Arte & Ciência/UNIP, 1997.

CARMO, M. C. *As vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista*. 2009a. 122f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - UNESP, São José do Rio Preto.

_____. *Sobre vogais médias em nomes e verbos na fala do interior paulista*. 2009b. Projeto de Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - UNESP, São José do Rio Preto.

CASTILHO, A. T. (Org.) *História do português paulista*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. (série Estudos)

_____. O português culto falado no Brasil: história do Projeto NURC/BR. In: PRETI, D.; URBANO, H. (Orgs.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: estudos*. vol. 4, São Paulo: FAPESP/T.A. Queiroz, 1990, p. 141-202.

COELHO, R. F. *É nós na fita: duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia de São Paulo*. 2006. 182f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - USP, São Paulo.

CUNHA, M. A. F. C. (Org.). *Corpus discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade de Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.

DOMINGUES, M. G. R. *Profissão rapper: um estudo das competências comunicativas nas performances de rapper brasileiros*. 2009. Projeto de dissertação (Mestrado em Linguística) - UNICAMP, Campinas.

DUARTE, P. Dialeto caipira e língua brasileira (prefácio). In: AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 3. ed. São Paulo: Hucitec-SCET-CEC, 1976. p. 7-40.

DUARTE, M. E. L. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. 1986. Dissertação (Mestrado em Linguística) - PUC-SP, São Paulo.

FERNANDES, F. O. *Construções com os verbos andar, continuar, ficar e viver seguidos de gerúndio: um estudo na interface Sociolinguística/Gramaticalização*. 2010. Relatório de iniciação científica científico à FAPESP (Licenciatura em Letras) - UNESP, São José do Rio Preto.

FERREIRA, J. S. *O apagamento do /d/ em morfema de gerúndio no dialeto de São José do Rio Preto*. 2010. 145f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - UNESP, São José do Rio Preto.

FIAMENGUI, A. H. R. *A marcação de pluralidade no SN na fala e na escrita de adolescentes da região de São José do Rio Preto*. 2011. 144f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - UNESP, São José do Rio Preto.

FONSECA, A. M. H. *Um estudo diacrônico da perífrase verbal ir+infinitivo na interface com a Sociolinguística*. 2011. Projeto de Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - UNESP, São José do Rio Preto.

_____. *A perífrase verbal ir+infinitivo e o futuro do dialeto riopretano: um estudo na interface Sociolinguística/Gramaticalização*. 2010. 176f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - UNESP, São José do Rio Preto.

FORTILLI, S. C. *Orações completivas em posição argumental de sujeito: gramaticalização e dessentencialização de orações matrizes*. 2009. Projeto de Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). UNESP, São José do Rio Preto.

GAMEIRO, M. B. *A concordância verbal na língua falada da região central do estado de São Paulo*. 2005. 198f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - UNESP, Araraquara.

GONÇALVES, S. C. L.; RUBIO, C. F. A variação no uso da primeira pessoa do plural do discurso. In: OLIVEIRA, D.P. (Org.). *Gramática e variação*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2011. p. 111-135.

GUIOTTI, L. P. *O estudo da variante retroflexa na comunidade de São José do Rio Preto*. 2002. 106 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – UNESP, São José do Rio Preto.

GRANATO, L. B. G. *Gêneros discursivos em foco: dos programas televisivos Manos e Minas e Altas Horas*. 2011. 371f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UNICAMP, Campinas.

MARCATO, F. *Análise prosódica de clíticos preposicionais na variedade rio-pretense*. 2011. Projeto de Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - UNESP, São José do Rio Preto.

MATTOS E SILVA, R. V. *“O português são dois...”: novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MODESTO, A.T.T. *Formas de tratamento no Português Brasileiro: uso de tu e você na Baixada Santista (SP)*. 2006. 152f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - USP, São Paulo.

MONTE, A. *Concordância verbal e variação: um estudo descritivo-comparativo entre o português brasileiro e o português europeu*. 2011. Relatório do Exame de qualificação de tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - UNESP, Araraquara.

_____. *Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos*. 2007. 120f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - UNESP, Araraquara.

NASCIMENTO, I.B. *O uso variável do pronome ‘você(s)/cê(s)’ na cidade de São Paulo*. 2011. 235f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - USP, São Paulo.

NOGUEIRA, C. M. A. *Significados sociais da variação estilística em esquetes de rádio*. 2010. 147f. Dissertação (mestrado em Linguística) - UNICAMP, Campinas.

OLIVEIRA, N. C. *A concordância verbal na região noroeste do estado de SP*. 2010. 187f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - UNESP, Araraquara.

OLIVEIRA, D. P.; ISQUERDO, A. N. A nova dialetologia: investigações e resultados. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.) *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 50-54.

OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: percepção e produção linguística na cidade de São Paulo*. 2011a. Projeto de Tese (Doutorado em Linguística) - USP, São Paulo.

_____. *Uma análise variacionista para as Interrogativas-Q*. 160f. 2011b. Dissertação (Mestrado em Linguística) - USP, São Paulo.

PEREIRA, D. C. *Variação e mudança no uso dos pronomes reflexivos no Português Popular da capital paulista: uma abordagem funcionalista*. 2007. 351f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - USP, São Paulo.

_____. *Concordância verbal na língua falada nas trilhas das bandeiras paulistas*. 2004. 116f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – USP, São Paulo.

RAMOS, A. P. *Descrição das vogais postônicas não-finais na variedade do noroeste paulista*. 2009. 177f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - UNESP, São José do Rio Preto.

RIO, V.C. *As dimensões contextuais das práticas de linguagem e os processos de elaboração do conhecimento sobre gêneros midiáticos de jovens universitários*. 2010. 238f. Tese (Doutorado em Linguística) - UNICAMP, Campinas.

ROCHA, R. S. *Variação e mudança nos empregos do subjuntivo*. 2010. Projeto de Dissertação (Mestrado em Linguística) - USP, São Paulo.

RODRIGUES, A. N. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo: Ática, 1974.

RODRIGUES, A. C. S. *A Concordância verbal no português popular em São Paulo*. 1987. 189f. Tese (Doutorado de Língua Portuguesa) - USP, São Paulo.

RUBIO, C. F. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*. 2012. 390f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - UNESP, São José do Rio Preto.

_____. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala do noroeste paulista*. 2008. 153f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - UNESP, São José do Rio Preto.

SALOMÃO, M. H. *A concordância nominal e a concordância verbal como marcas de construção da identidade social: um estudo sobre variação estilística*. 2011. Projeto de Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - UNESP, São José do Rio Preto.

_____. *A variação de pluralidade nas estruturas predicativas da variedade falada na região de São José do Rio Preto*. 2010. 162f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - UNESP, São José do Rio Preto.

SANTOS, R. M. A. *A alternância indicativo/subjuntivo em estruturas complexas*. 2005. 152f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). UNESP, São José do Rio Preto.

SILVA, E. *A expressão do tempo futuro no português brasileiro dos séculos XVIII ao XX*. 2007. 117f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - UNESP, Araraquara.

SILVA, G. M. O. Variáveis sociais e perfil do *corpus CENSO*. In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.) *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 51-81.

SILVEIRA, A. A. M. *As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista*. 2008. 143f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - UNESP, São José do Rio Preto.

VOTRE, S.; OLIVEIRA, M. R. *A Língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

WIEDEMER, M. L. *Variação e gramaticalização das preposições de complementos locativos de verbos de movimento (ir, chegar, vir, entrar)*. 2009. Projeto de Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - UNESP, São José do Rio Preto.